

Harlan Coben

**Desaparecido
para sempre**



SEXTANTE
FICÇÃO

**Para Anne,
minha vida,
de todo o coração**

1

TRÊS DIAS ANTES DE MORRER, minha mãe me disse – não foram bem suas últimas palavras, mas quase – que meu irmão ainda estava vivo.

Isso foi tudo o que ela declarou. Não entrou em detalhes. Falou apenas uma vez. Ela não estava muito bem. A morfina já tinha dado a cartada final e enfraquecia seu coração. Sua pele tinha aquela tonalidade entre icterícia e fim de um bronzeado de verão. Seus olhos estavam fundos, incrustados na ossatura. Ela dormia a maior parte do tempo. Na verdade, teria ainda mais um momento de lucidez – se é que foi mesmo um momento de lucidez, do que eu duvido muito – e me daria a oportunidade de dizer que ela era uma mãe maravilhosa, que eu a amava muito, e de me despedir. Não dissemos mais nenhuma palavra sobre meu irmão. Isso não significa que não pensássemos nele como se ele também estivesse ali, sentado à beira da cama.

– Ele está vivo.

Essas foram exatamente suas palavras. E, se fossem verdade, eu não sabia se isso era bom ou ruim.



Enterramos minha mãe quatro dias depois.

Quando voltamos para casa a fim de começar os sete dias de luto da tradição judaica, meu pai irrompeu na sala de visitas meio mal-arrumada. Estava vermelho de raiva. Minha irmã, Melissa, tinha vindo de Seattle com o marido, Ralph. Tia Selma e tio Murray andavam de um lado para outro. Sheila, minha cara-metade, estava sentada ao meu lado e segurava minha mão. Éramos praticamente só nós.

Havia apenas um arranjo de flores, de tamanho descomunal. Sheila sorriu e apertou minha mão quando viu o cartão. Nenhuma palavra, nenhum recado, apenas um desenho:



Meu pai continuava a olhar pela janela – a mesma janela na qual haviam atirado com uma espingarda de chumbinho duas vezes nos últimos 11 anos – e resmungou baixinho:

– Filhos da mãe.

Ele se virou e lembrou-se de alguém que não tinha aparecido.

– Pelo amor de Deus, era de esperar que os Bergman fizessem, pelo menos, a droga de uma visita.

Ele fechou os olhos e dirigiu-se para o outro lado. A raiva o consumia novamente, misturando-se à dor e transformando-se em algo que eu não tinha forças para encarar.

Mais uma traição em uma década cheia delas.

Eu precisava de ar.

Levantei-me. Sheila olhou para mim, preocupada.

– Vou dar uma volta – anunciei baixinho.

– Quer companhia?

– Acho que não.

Sheila assentiu. Estávamos juntos havia quase um ano. Eu nunca tivera uma companheira tão em sintonia com as minhas estranhas vibrações. Ela apertou minha mão novamente e seu amor me aqueceu por dentro.

Em frente à porta, o capacho áspero de grama artificial, que parecia roubada de um campo de golfe, tinha uma margarida de plástico no canto superior esquerdo. Saí sem pisar nele e comecei a subir a Downing Place. A rua era ladeada por fileiras de casas de dois andares num estilo típico dos anos 1960. Eu vestia um terno cinza-escuro que me pinicava. O sol implacável batia em minha pele, e uma parte cruel de mim pensou que era um dia perfeito para apodrecer. Uma imagem do sorriso da minha mãe, que iluminava o mundo – um daqueles que ela costumava dar antes de tudo acontecer –, passou rapidamente diante dos meus olhos. Afugentei-a.

Sabia para onde estava indo, embora eu duvide que teria admitido isso para mim mesmo. Sentia-me atraído para lá, levado por alguma força invisível. Certas pessoas chamariam isso de masoquismo. Outras talvez achassem que tinha alguma coisa a ver com uma necessidade de virar a página. Pensei que, provavelmente, não era nem uma coisa nem outra. Só queria ver novamente o lugar onde tudo terminara.

As visões e os sons do verão do subúrbio me agrediam. Crianças barulhentas passavam em suas bicicletas. O Sr. Cirino, dono da concessionária Ford/Mercury na Rodovia 10, aparava o gramado. Os Stein – que haviam construído uma rede de lojas de eletrodomésticos, mas depois foram engolidos por uma maior – passeavam de mãos dadas. Na casa dos Levine acontecia uma partida de futebol americano, mas eu não conhecia nenhum dos participantes. Fumaça de churrasco subia do quintal dos Kaufman.

Passei pela velha casa dos Glassman. Mark Glassman, “O Idiota”, quebrara os

vidros das portas de correr ao se lançar de encontro a elas quando tinha 6 anos. Estava brincando de Super-Homem. Lembro-me da gritaria e do sangue. Precisou levar 40 pontos. Mark cresceu e se tornou uma espécie de multimilionário gerenciando empréstimos para empresas emergentes. Acho que não o chamam mais de “O Idiota”, mas nunca se sabe.

A casa dos Mariano, com aquela horrível pintura amarelo-catarro e um veado de plástico na entrada, ficava na esquina. Angela Mariano, a garota mais cobiçada da vizinhança, era dois anos mais velha que nós e parecia pertencer a alguma espécie superior, que causava suspiros. Foi vendo-a pegar sol com um tomara que caia que desafiava a lei da gravidade que senti pela primeira vez a ação de meus hormônios. Angela costumava brigar com os pais e ir fumar escondida num quartinho nos fundos da sua casa. O namorado tinha uma motocicleta. No ano passado eu a vi na Madison Avenue, em Nova York. Imaginara que estaria com uma aparência péssima – é o que sempre ouvimos que acontece com nosso primeiro amor adolescente –, mas ela estava ótima e parecia muito feliz.

Um irrigador girava lentamente no gramado em frente à casa de Eric Frankel, no número 23 da Downing Place. Quando estávamos no 7º ano, Eric comemorou seu bar mitzvah com uma festa temática de viagem espacial no Chanticleer, em Short Hills. O teto foi todo decorado como um planetário, transformando-se num céu escuro pontilhado de constelações. Meu convite indicava que eu deveria me sentar à mesa Apolo 14. Havia uma peça decorativa no centro da mesa, um pomposo foguete acoplado a uma plataforma de lançamentos. Os garçons vestiam trajes espaciais, representando os astronautas do Mercury 7. “John Glenn” nos serviu. Cindi Shapiro e eu nos esgueiramos para dentro da capela e ficamos nos agarrando por mais de uma hora. Eu não sabia o que estava fazendo. Cindi sabia. Lembro-me de que achei incrível o jeito como a língua dela me acariciava e me fazia estremecer inesperadamente. Mas lembro também que, depois de uns 20 minutos, meu encantamento inicial deu lugar a um confuso “e agora?”, seguido de um ingênuo “então é só isto?”.

Quando Cindi e eu retornamos furtivamente para a mesa Apolo 14, totalmente amarrotados e na melhor forma pós-sacanagem (a orquestra do Herbie Zane encantava o pessoal com “Fly Me to the Moon”), meu irmão, Ken, me puxou para o lado e exigiu que eu lhe contasse todos os detalhes. Eu, é claro, contei tudo, muito feliz. Ele me presenteou com um baita sorriso e uns tapinhas nas costas. Naquela noite, deitados em nossos beliches, Ken na cama de cima e eu na de baixo, enquanto o estéreo tocava “Don’t Fear the Reaper” com os Blue Oyster Cult (a banda favorita de Ken), meu irmão mais velho me explicou os

fatos da vida sob a perspectiva de um garoto do primeiro ano do ensino médio. Mais tarde descobri que ele estava errado na maior parte das coisas (como seu destaque um tanto exagerado aos seios), mas, quando me recordo daquela noite, sempre sorrio.

Ele está vivo...

Balancei a cabeça e entrei à direita na Coddington Terrace, junto à antiga casa dos Holder. Era o mesmo trajeto que Ken e eu costumávamos fazer para chegar à Escola Burnet Hill. Havia um caminho pavimentado entre duas casas que encurtava a distância. Perguntei-me se ainda existia. Minha mãe – todos, mesmo as crianças, a chamavam de Sunny – costumava nos seguir sorratamente até a escola. Ken e eu revirávamos os olhos quando ela se escondia atrás das árvores. Sorri ao recordar como fora superprotetora. Naquele tempo isso me deixava envergonhado, mas Ken apenas dava de ombros. Meu irmão era autoconfiante o suficiente para deixar para lá, mas eu não.

Senti um aperto no coração e segui em frente.

Talvez fosse apenas minha imaginação, mas as pessoas começavam a me olhar. As bicicletas, as bolas de basquete, os irrigadores e os aparadores de grama, os gritos dos jogadores de futebol – tudo parecia silenciar à minha passagem. Algumas pessoas me encaravam por pura curiosidade, já que um homem desconhecido caminhando de terno cinza-escuro numa noite de verão era algo incomum. Mas, ao que parecia, a maioria delas me olhava horrorizada porque me reconhecia e não acreditava que eu pudesse estar caminhando naquele solo sagrado.

Aproximei-me sem hesitação do número 97 da Coddington Terrace. Minha gravata estava frouxa. Enterrei as mãos nos bolsos. Caminhei até o lugar onde o meio-fio encontrava a calçada. Por que eu estava ali? Vi um movimento na cortina. O rosto da Sra. Miller apareceu na janela, magro e fantasmagórico. Ela arregalou os olhos para mim. Não me mexi nem desviei o olhar. Os olhos dela continuaram arregalados por algum tempo – aí, para minha surpresa, seu rosto se suavizou. Era como se nosso sofrimento em comum tivesse gerado algum tipo de ligação. A Sra. Miller me cumprimentou com um movimento de cabeça. Retribuí o cumprimento e senti as lágrimas me encherem os olhos.



Talvez você tenha visto a notícia no *20/20*, no *Prime Time Live* ou em alguma outra porcaria de programa de televisão equivalente. Para os que não viram, aqui vai o relatório oficial: no dia 17 de outubro, 11 anos atrás, na cidade de Livingston, no estado de Nova Jersey, meu irmão, Ken Klein, então com 24 anos, estuprou e estrangulou brutalmente nossa vizinha Julie Miller.

No porão da casa dela. No número 97 da Coddington Terrace.

Foi onde o corpo foi encontrado. As provas não indicaram de maneira conclusiva se ela havia sido realmente assassinada naquele porão mal-acabado ou se fora jogada lá depois de morta, atrás de um sofá estampado de zebra e todo manchado pela umidade. A maioria acredita na primeira hipótese. Meu irmão fugiu para algum lugar desconhecido – isso, mais uma vez, segundo o relatório oficial.

Nos últimos 11 anos, Ken vem conseguindo se esquivar de um cerco policial internacional, embora tenha sido “visto” algumas vezes.

A primeira foi mais ou menos um ano depois do assassinato, quando foi supostamente avistado num pequeno vilarejo de pescadores no norte da Suécia. A Interpol se envolveu, mas de alguma forma meu irmão conseguiu escapar. Supõe-se que ele tenha sido alertado. Não posso imaginar por quem nem como.

Quatro anos depois ele foi localizado novamente, em Barcelona. Nas palavras do jornal, Ken havia alugado “uma propriedade com vista para o Atlântico” (Barcelona fica na costa do Mediterrâneo) com – citando ainda o jornal – “uma linda mulher de cabelos escuros, possivelmente uma dançarina de flamenco”. Por mais incrível que pareça, um morador de Livingston que estava de férias no local declarou ter visto Ken e sua namorada espanhola jantando à beira-mar. Ele declarou que meu irmão estava bronzeado e em excelente forma física e que usava uma camisa branca com o colarinho aberto e mocassins, sem meias. O morador de Livingston, um tal de Rick Horowitz, tinha sido meu colega de turma no 4º ano, quando estudávamos com o Sr. Hunt. Durante meses, Rick nos divertiu comendo larvas na hora do recreio.

Em Barcelona, Ken escapuliu mais uma vez por entre os dedos da lei.

Na última vez em que meu irmão foi supostamente localizado, esquiava nos Alpes franceses, numa área destinada a esquiadores experientes (é interessante salientar que Ken jamais havia esquiado antes do crime). A história não deu em nada, a não ser num comentário no programa *48 Hours*. Ao longo dos anos, meu irmão acabou ganhando o status de fugitivo notório, seu nome ressurgindo sempre que qualquer boato vinha à tona ou, o que era mais provável, quando faltavam notícias novas nos programas que exploram os casos de polícia.

Eu, evidentemente, detestava esse tipo de cobertura sensacionalista sobre “jovens ricos que entraram para o crime”. Suas “reportagens especiais” (pelo menos uma vez eu gostaria de vê-los chamá-las de “reportagens normais”, levando em conta que todos já cobriram essa história) eram sempre ilustradas com a mesma fotografia de Ken trajando seu uniforme branco de tênis – ele chegou a participar de algumas competições nacionais –, com ar muito pomposo.

Não posso imaginar onde a conseguiram. Na foto, Ken ostenta uma beleza daquelas que fazem as pessoas morrerem de inveja logo de cara: confiante, os cabelos à la Kennedy, o bronzado realçado pela roupa branca, o sorriso exibindo os dentes brancos. O Ken da foto parecia uma dessas pessoas privilegiadas (o que ele não era nem um pouco) que passeiam pela vida à custa do próprio charme (o que até certo ponto era verdade), donas de uma polpuda conta de investimento (que ele não tinha).

Cheguei a participar de um daqueles programas de entrevistas. Um produtor entrou em contato comigo – isso foi logo depois do crime – e alegou que queria apresentar “os dois lados da história”. Já havia muita gente querendo linchar meu irmão, observou ele. O que eles realmente precisavam agora para “equilibrar o debate” era de alguém que descrevesse o “verdadeiro Ken” para o público.

E eu caí direitinho.

Uma âncora loura de cabelos meio desbotados e postura simpática me entrevistou por mais de uma hora. Na verdade, eu gostei do processo. Foi terapêutico. Ela me agradeceu, me acompanhou até a saída, mas, quando o episódio foi ao ar, a emissora utilizou apenas um pequeno fragmento da entrevista, cortando a pergunta dela – “Mas, com certeza, você não vai nos dizer que seu irmão era perfeito, vai? Não está tentando nos vender a imagem de que ele era um santo, certo?” – e editando minha resposta, de modo que apareci num close tão próximo que dava para ver os poros do meu nariz, com uma música dramática ao fundo, dizendo: “O Ken não era nenhum santo, Diane.”

E aquele acabou sendo o relato oficial do que havia acontecido.

Nunca acreditei. Não estou dizendo que não fosse possível. Mas sempre achei muito mais provável que meu irmão estivesse morto – que estivesse morto todo esse tempo.

Para falar a verdade, minha mãe sempre acreditou que Ken estivesse morto. Acreditava firmemente nisso. Sem reservas. Seu filho não era um assassino. Seu filho era uma vítima.

Ele está vivo... Ele não é culpado.

A porta da frente da casa dos Miller se abriu. O Sr. Miller saiu, ajeitou os óculos no nariz, colocou os punhos fechados sobre os quadris numa lamentável postura de Super-Homem e disse:

– Suma já daqui, Will.

Então me afastei.



O próximo grande susto aconteceu uma hora depois.

Sheila e eu estávamos no quarto de meus pais, no andar de cima. A mesma mobília, de um cinza desbotado com um arremate azul, havia adornado aquele quarto desde quando posso me lembrar. Sentamos na cama king size com colchão de molas já gastas. Os pertences mais pessoais de minha mãe – as coisas que ela conservava nas gavetas entupidas da mesinha de cabeceira – estavam espalhados sobre a colcha. Meu pai ainda estava lá embaixo, junto à janela, olhando desafiadoramente para fora.

Não sei por que queria remexer nas coisas que minha mãe achava suficientemente valiosas para guardar e conservar perto dela. Aquilo iria me machucar, eu sabia. Há uma ligação interessante entre a dor autoinfligida e o consolo, uma espécie de desejo de brincar com fogo relacionado ao sofrimento. Acho que eu precisava fazer aquilo.

Olhei para o lindo rosto de Sheila – ligeiramente virado para a esquerda, os olhos voltados para baixo – e senti meu coração se elevar. Isto vai soar um pouco estranho, mas eu poderia ficar olhando para ela durante horas. Não era só a sua beleza – a qual não se podia chamar de clássica, já que seus traços eram um pouco assimétricos, talvez por motivos genéticos ou, mais provavelmente, por causa de seu passado obscuro –, havia algo de vibrante nela, uma curiosidade, mas também uma delicadeza, como se um simples golpe pudesse despedaçá-la. Sheila me fazia querer – sejam pacientes comigo – ser corajoso por ela.

Sem erguer os olhos, ela deu um meio sorriso e disse:

– Pare com isso.

– Não estou fazendo nada.

Finalmente levantou a cabeça e viu a expressão no meu rosto.

– O quê? – perguntou.

Dei de ombros.

– Você é meu mundo – respondi, simplesmente.

– Você também não é pouca coisa.

– É. É verdade.

Ela fingiu me dar um tapa.

– Eu te amo. Você sabe disso, não é?

– Como poderia não amar?

Ela virou os olhos. Então seu olhar se fixou novamente na cama da minha mãe. Sua expressão se suavizou.

– No que está pensando? – perguntei.

– Em sua mãe. – Sheila sorriu. – Eu gostava muito dela.

– Queria tanto que você a tivesse conhecido antes.

– Eu também.

Começamos a examinar os recortes amarelados. Comunicações de nascimento – dos três filhos: Melissa, Ken e eu. Artigos sobre as proezas de Ken no tênis. Seus troféus – aqueles homenzinhos de bronze rebatendo a bola de tênis – ainda enchiam seu antigo quarto. Havia fotografias, a maioria antigas, de antes do assassinato. Sunny. Esse tinha sido o apelido de minha mãe desde menina. Combinava com ela. Encontrei um retrato de quando ela era presidente da Associação de Pais e Professores. Não sei o que estava fazendo, mas estava num palco usando um chapéu ridículo enquanto todas as outras mães riam. Havia outra foto dela participando de uma festa escolar. Mamãe vestia uma roupa de palhaço. Sunny era o adulto preferido dos meus amigos. Eles gostavam quando era a vez dela de dirigir no rodízio de caronas. Queriam que o piquenique da turma fosse sempre lá em casa. Sunny era zelosa sem ser chata, um tanto maluquinha, talvez, de maneira que nunca se podia prever o que ela faria. Havia sempre uma efervescência, uma agitação ao redor de minha mãe.

Ficamos lá por mais de duas horas. Sheila olhou pensativa, sem pressa, para cada fotografia. Depois de olhar por um bom tempo para uma delas em particular, ela apertou os olhos:

– Quem é esse aqui?

Sheila estendeu a fotografia para mim. À esquerda estava minha mãe usando um biquíni amarelo quase obsceno – eu diria que a foto fora tirada por volta de 1972 –, com um corpo escultural. Ela estava abraçada a um homem baixo de bigode escuro que exibia um sorriso satisfeito.

– É o rei Hussein – respondi.

– Quem?

Eu confirmei com a cabeça.

– O rei da Jordânia?

– Sim. Minha mãe e meu pai o encontraram no Hotel Fontainebleau, em Miami.

– Sério?

– Mamãe perguntou se ele se importaria de tirar um retrato.

– Está brincando!

– A prova está aí.

– Ele não tinha seguranças ou coisa parecida?

– Acho que ela não parecia estar armada.

Sheila riu. Lembrei-me de minha mãe contando o incidente. Ela posando com o rei Hussein, a máquina fotográfica do papai não funcionando, ele pra-

guejando entre os dentes, suas tentativas de consertá-la, ela sinalizando com os olhos para ele se apressar, o rei ali, de pé, esperando pacientemente, seu chefe de segurança examinando a câmera, descobrindo o defeito, consertando-a, entregando-a de volta ao meu pai.

Minha mãe, Sunny.

– Ela era tão bonita! – comentou Sheila.

Seria um clichê terrível dizer que parte dela morreu quando o corpo de Julie Miller foi encontrado, mas acontece que os clichês quase sempre são verdadeiros. A exuberância de minha mãe se aquietou, sufocada. Depois do interrogatório sobre o crime, ela não chegou a ter um ataque de nervos nem chorou histericamente. Muitas vezes, desejei que o tivesse feito. A energia vibrante de minha mãe se tornou terrivelmente estável. Tudo nela ficou nivelado, monótono – sem mais arroubos de entusiasmo, seria a melhor maneira de descrever –, o que, numa pessoa como ela, era mais aflitivo de presenciar do que a mais ridícula das palhaçadas.

A campanha tocou. Olhei pela janela do quarto e vi o carro de entregas da delicatessen Eppes-Essen. Sanduíches para os que viessem prestar condolências. Papai, otimista, havia encomendado uma grande quantidade. Ele insistia em enganar a si mesmo até o fim. Permanecera na casa como o capitão do *Titanic*. Lembro-me da primeira vez em que a janela foi estilhaçada por uma espingarda de chumbinho, não muito tempo depois do crime – a maneira como ele ergueu o punho cerrado numa atitude de desafio. Mamãe, acho, queria se mudar. Papai, não. Mudar-se seria ceder, ele achava. Mudar-se seria admitir a culpa do filho. Mudar-se seria uma traição. Que tolice.

Sheila olhava para mim. Seu calor era quase palpável, como raios de sol no meu rosto, e por um momento apenas deixei-me banhar neles. Tínhamos nos conhecido no trabalho, havia cerca de um ano. Sou diretor da Covenant House, que fica na Rua 41, em Nova York. É uma fundação beneficente que ajuda menores que fugiram de casa a sobreviver nas ruas. Sheila tinha começado a trabalhar como voluntária. Era de uma cidadezinha em Idaho, apesar de já haver perdido em grande parte os trejeitos de garota de cidade pequena. Ela me disse que, muitos anos antes, também fugira de casa. Foi tudo o que me revelou do seu passado.

– Eu te amo – declarei.

– Como poderia não amar? – retrucou ela.

Não revirei os olhos. Sheila tinha sido bondosa com minha mãe perto do fim. Ela tomava o ônibus da Community Line no Port Authority, na Northfield Avenue, e ia a pé até o Centro Médico St. Barnabas. Antes de adoecer, a última

vez que minha mãe se internara no St. Barnabas tinha sido quando me deu à luz. Talvez isso tivesse alguma ferina relação com o ciclo da vida, mas não pude percebê-la na época.

Contudo, tinha visto Sheila ao lado de minha mãe. E fiquei pensando. Aí, arrisquei.

– Devia telefonar para os seus pais – sussurrei.

Sheila me olhou como se eu a tivesse esbofeteado. Ela deslizou para fora da cama.

– Sheila?

– Agora não, Will.

Peguei um porta-retrato com a fotografia de meus pais, bronzeados, nas férias.

– Parece um momento tão bom quanto qualquer outro.

– Você não sabe nada a respeito dos meus pais.

– Gostaria de saber – falei.

Ela me deu as costas.

– Você já trabalhou com adolescentes que fugiram de casa – respondeu.

– E daí?

– Você sabe muito bem como pode ser ruim.

E eu sabia. Visualizei seus traços ligeiramente descentralizados – o nariz dela, por exemplo, com aquele calombo suspeito – e fiquei pensando.

– Também sei que pode ser ainda pior quando não falamos a respeito.

– Já falei sobre isso, Will.

– Não comigo.

– Você não é meu terapeuta.

– Sou o homem que você ama.

– É.

Ela se virou para mim.

– Mas agora não, está bem? Por favor.

Eu não tinha o que responder, e talvez ela estivesse certa. Meus dedos brincavam distraidamente com a moldura. E foi aí que aconteceu.

A fotografia na moldura escorregou um pouquinho.

Olhei. Outra fotografia começou a aparecer embaixo. Puxei mais um pouco a que estava em cima. A mão de alguém apareceu na foto de baixo. Tentei puxá-la um pouco mais, mas não se mexia. Meus dedos acharam as presilhas atrás da armação. Abri-as e deixei a parte de trás da moldura rolar sobre a cama. Duas fotografias caíram.

Uma delas – a de cima – era de meus pais em um cruzeiro, parecendo muito felizes, saudáveis e relaxados, de um jeito que eu jamais me lembrava de tê-los

visto antes. Mas foi a segunda fotografia, a que estava escondida, que me chamou a atenção.

A data marcada em vermelho, no rodapé, era de menos de dois anos antes. A foto havia sido tirada em um campo, ou numa montanha, ou algo parecido. Não vi nenhuma casa ao fundo, apenas montanhas com os cumes cobertos de neve, como uma cena tirada do começo de *A noviça rebelde*. O homem na foto usava short e óculos de sol, tinha uma mochila nas costas e botas já gastas. O sorriso era familiar. Assim como o rosto, apesar de parecer mais marcado de rugas agora. Seu cabelo era longo. A barba tinha um toque grisalho. Mas não havia dúvida.

O homem na fotografia era meu irmão, Ken.

2

MEU PAI ESTAVA SOZINHO no quintal. A noite havia caído. Ele estava sentado, completamente imóvel, olhando para a escuridão. Quando me aproximei por trás dele, uma lembrança desagradável me sacudiu.

Uns quatro meses depois do assassinato de Julie, encontrei meu pai no porão com as costas voltadas para mim, exatamente como agora. Ele pensara que a casa estivesse vazia. Aninhada em sua mão direita estava uma pistola Ruger calibre 22. Ele a acariciava ternamente, como se fosse um pequeno animal, e nunca senti tanto medo em toda a minha vida. Fiquei paralisado, congelado. Ele continuou com os olhos no revólver. Depois de alguns longos minutos, voltei depressa, na ponta dos pés, até o alto da escada e fingi que havia acabado de entrar. Depois de me arrastar escada abaixo, a arma tinha sumido.

Não saí do lado dele por uma semana.

Esgueirei-me pela porta de correr de vidro.

– Oi – cumprimentei-o.

Ele se voltou para mim, o rosto se abrindo num largo sorriso. Ele sempre tinha um sorriso para mim.

– Oi, Will – disse, a voz ríspida se suavizando. Papai sempre ficava feliz em ver os filhos. Antes de tudo isso acontecer, ele era um homem bastante popular. As pessoas gostavam dele. Era amigável, digno de confiança, embora um pouco durão, o que o fazia parecer ainda mais confiável. Mas mesmo que meu pai sorrisse para os outros, não dava a mínima para ninguém. Seu mundo era a família. Ninguém mais importava. O sofrimento de desconhecidos ou mesmo

dos amigos jamais o tocou – era como se ele vivesse totalmente centrado na própria família.

Sentei-me na espreguiçadeira ao lado dele, sem saber como tocar no assunto. Suspirei profundamente algumas vezes e ouvi-o fazer o mesmo. Senti-me incrivelmente seguro. Ele podia estar mais velho e mais fraco, e eu agora podia ser o mais alto e o mais musculoso, mas sabia que, se houvesse algum problema, ele ainda se colocaria à minha frente e levaria um soco por mim.

E eu o deixaria fazer isso.

– Preciso podar aquele galho – anunciou, apontando no escuro.

Eu não conseguia ver o galho.

– É – concordei.

A luz iluminava seu perfil através das portas de vidro. A raiva havia se dissipado e a expressão de derrota se instalara novamente em seu rosto. Às vezes eu achava que ele realmente tentara dar um passo à frente e levar o soco quando Julie morreu, mas tinha sido atirado no chão. Seus olhos ainda guardavam aquela expressão de alguém que fora inesperadamente atingido no estômago e não sabia o porquê, alguém que fora ferido pela própria vida.

– Tudo bem com você?

Era o que ele sempre perguntava.

– Tudo. Quero dizer...

Papai sacudiu a mão.

– É, que pergunta idiota.

Voltamos a ficar calados. Ele acendeu um cigarro. Papai nunca fumava dentro de casa. Por causa da saúde dos filhos e tudo mais. Deu uma tragada e aí, como se tivesse se lembrado de repente, me olhou e apagou o cigarro com o pé.

– Não tem problema – consenti.

– Sua mãe e eu combinamos que eu nunca fumaria em casa.

Não discuti. Entrelacei as mãos e descansei-as no colo. Então, mergulhei no assunto.

– Mamãe me disse uma coisa antes de morrer.

Seus olhos se voltaram em minha direção.

– Disse que Ken ainda estava vivo.

Por um momento, papai enrijeceu o corpo. Logo um sorriso triste aflorou em seu rosto.

– Foram os remédios, Will.

– Foi o que pensei – disse. – Inicialmente.

– E agora?